



GT03 – Narrativas, discursos e representações que constroem o Nordeste e a nordestinidade

Coordenador(es): Wesley Rodrigues Dutra

A REDE HIDROGRÁFICA E A EXPANSÃO TERRITORIAL DO BRASIL: CONQUISTA E POVOAMENTO DO SERTÃO

Aline Oliveira de MOURA¹
Anna Cynthia G. de OLIVEIRA²

Introdução

O presente trabalho tem como principal objetivo mostrar a importância que algumas redes hidrográficas tiveram no processo de ocupação e expansão territorial do Brasil, processo este de grande valor histórico e geográfico, pois, através dele, foi possível conhecer melhor o território brasileiro, descobrindo novas vias de acesso, o a diversas regiões. As redes hidrográficas foram de grande importância para os colonizadores, pois elas levaram os europeus a diversos pontos do imenso território, possibilitando o povoamento de áreas próximas aos rios, uma vez que estes forneciam produtos indispensáveis à sobrevivência humana, além de ligar uma região à outra.

Serão abordadas aqui, três das bacias que compõe a rede hidrográfica do nordeste brasileiro: o Rio São Francisco, o Rio Paraíba e o Rio do Peixe. E para este processo, foram utilizadas obras de autores como: Antonio Carlos Vitti, Antonio José Teixeira Guerra, Varnhagen, Darcy Ribeiro, Carlos de Araújo Moreira Neto, Capistrano de Abreu, Regina

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: m.alynemoura12@gmail.com.

² Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: cynthiagoncalves17@hotmail.com.

Célia Gonçalves, José Apolinário do Nascimento, Rosilda Cartaxo, Severino Barbosa da Silva Filho.

Por meio dessa abordagem, podemos perceber a ligação existente entre a história e a geografia, pois na construção de um texto dessa natureza se faz necessário, abordar, além dos fatos, os territórios, ou seja, fatores agregados às especificidades da geografia. É uma abordagem de grande valor para nosso conhecimento, pois nos mostra que essas redes hidrográficas foram necessárias, se não indispensáveis, para a colonização, exploração e expansão do território do nordeste brasileiro.

A importância da rede hidrográfica no processo de ocupação territorial do nordeste brasileiro

A rede hidrográfica é reconhecida como unidade espacial na geografia física desde o fim dos anos 1960. Contudo, durante a última década ela foi, de fato, incorporada pelos profissionais não só da geografia, como também das grandes áreas das chamadas ciências ambientais, em seus estudos e projetos de pesquisas. Ela também é entendida como célula básica da análise ambiental e permite conhecer e avaliar seus diversos componentes e os processos e interações que nela ocorre. Além de ser objeto de análise e para as ciências ambientais, as redes hidrográficas e os rios são peças fundamentais para o processo de ocupação territorial em todo o mundo. Essas “estradas fluviais” tiveram grande importância também no processo de formação dos territórios. Os processos de colonização e ocupação do nosso mundo apresentam claramente como foram importantes os rios para sua formação, facilitando ou dificultando, como assinala Varnhagen:

“Os estados hispano-americanos, com pequenas exceções, apresentam, as margens do Prata, campinas em que pouco mais que fazer houve que metter nellas gados e acocas os Índios com alguma cavalaria [...] Na América do Norte não acharam as mesmas facilidades da América espanhola; mas, em troco dellas, encontraram um clima como donde vinham, rios sem cachoeiras, estradas fluviais já feitas para penetrarem desde logo pelo interior; [...] Quão diferente se apresentou o Brasil aos seus colonizadores! O clima tropical na beiramar, o sol ahi abrazador para os filhos das zonas temperadas, grande número de cachoeiras nos rios, de navegação semeada de escolhos e de perigos.” (VARNHAGEN, 1987, p. VIII-IX.)

Varnhagen já descrevia em sua obra: História Geral do Brasil, como foram dificultosos os rios brasileiros. Rios cheios de perigos e que representavam mais um desafio ao colonizador. A

colonização brasileira, no início se caracterizava pela ocupação do litoral, pois os indígenas apresentavam grande resistência à interação, e os ataques constantes do período que vai de 1614 a 1700, o litoral brasileiro estava todo povoado, exceto a área ao sul e, os terrenos ao norte do Amazonas. E a partir desse esboço do Brasil ocupado sem seu litoral, que se iniciou o processo de interação por meio dos rios.

Os autores Darcy Ribeiro e Carlos de Araújo (1992), já falavam em seu livro que há um registro de uma “interação” entre o Brasil e Portugal durante os séculos havendo uma troca de influências entre ambos. Assim, com a morte do Rei D. Sebastião, Portugal ficou entregue ao domínio da Espanha no período de 1580 a 1640. Os portugueses utilizaram esse longo período de união com a Coroa para “realizar e consolidar suas expansões.” Após ocuparem a costa atlântica, os portugueses conquistaram a Amazônia.

Capistrano de Abreu nos mostra que não foi no norte que houve que houve o processo de interação nos rios:

São Paulo tendo na frente, o Tietê, nas costas o Parahiba, e a um lado o Mogi-guaçu atira-se pelas caxoeiras do primeiro do primeiro e vai ao Paraná e ao Uruguai expulsar os Jesuítas estende-se pelas margens do Parahiba, galga a serra da Manteigueira e perluastra as Minas Gerais; e seguindo o Mogi-guaçu, traspõe Rio Grande de Sul. Descobre-se o caminho de Mato Grosso pelo Madeira (ABREU, 1882, p.206-207).

O Rio São Francisco também teve a sua participação no processo de interiorização. A bacia do rio São Francisco, que é totalmente brasileira, ocupa 8% do território nacional e percorre cerca de 2.700 km. Foi navegando por muitas e as suas margens formaram-se povoados, iniciou-se a criação de gado.

No Rio de São Francisco encontram-se paulistas que descem bahianos e sergipanos que sobem. As margens são rapidamente povoadas, e criação de gado assume proporções enormes. Um dos criadores, em perseguição dos índios que lhe devastavam a propriedade, descobre casualmente o Piauí. Quase ao mesmo tempo, Gomes Freire de Andrada manda explorar um caminho entre Maranhão e Bahia (ABREU, p.207).

Relatando o processo de ocupação do território brasileiro através dos rios, não se pode deixar de ressaltar a nossa história de ocupação; a história da ocupação da Paraíba, que se deu por meio do rio Paraíba localizado na Região do Nordeste. Esse rio foi a porta de entrada dos colonizadores e invasores na Paraíba. Além, de construir o palco de lutas e batalhas e acordos de paz entre colonizadores, como nos narra a professora Regina Célia Gonçalves, em seu livro *Guerras e açucars*:

No lado sul da larga baía formada pelos rios de águas escuras, margeadas por manguezais, encontram-se, mais uma vez, os oponentes, para finalmente firmarem a paz. Havia já dois dias, nas contas dos brancos, que a caravela portuguesa, com uma tripulação de vinte homens, entrara pela barra do rio, navegara algumas léguas rumo ao oeste e se fizera anunciar com alguns tiros(...) (GONÇALVES, p.33).

A referida autora enfatiza que o rio já aparecia nos relatos e na cartografia dos conquistadores europeus desde o século XVI e enquanto acidente geográfico possui um curso de 480 km, das suas nascentes nos Cariris velhos, localizados no sertão hiperxerófitos, até seu estuário em Cabedelo. Os afluentes do Paraíba eram mais cumpridos e numerosos pela margem esquerda, e o processo de colonização se deu pela margem direita, porém, além, de ser um acidente geográfico, o Rio Paraíba também representava um desafio militar para as populações que viviam e para as que pretendiam viver naquela região, a partir da segunda metade do século XVI.

Esse rio foi cenário de um épico confronto de mundos diferentes, pois para os portugueses a conquista definitiva do Rio significava a possibilidade de expansão do modelo de ocupação da terra que o vencedor defendesse. O Rio representava a fronteira Norte da expansão do povoamento e da exploração econômica da terra, com base na agromanufatura açucareira, além de ser importante na defesa daquilo que já haviam conseguido implantar nas capitanias ao Sul.

Esse era o ponto de vista do Colonizador português que procurava atingir os seus objetivos de ocupação e do ponto de vista dos nativos potiguaras:

O Rio era a base a partir da qual se tornava possível organizar a ofensiva contra os portugueses; um recurso natural que lhes permitia, ao mesmo tempo, avançar sobre as fazendas a Arrais ao sul e recuar, com segurança, quando necessário; um ponto estratégico a partir do qual era possível, a um só tempo, acossar os portugueses e manter, através do negocio do pau-brasil, a aliança tática com os franceses. (GONÇALVES, 2007. p. 36)

Os portugueses depois de vencer os potiguaras, ainda tinham a tarefa de conquistar o Rio para os seus negócios. Embora conhecido desde meados do século XVI, por sua psicossidade, sua barra tranqüila, sua profundidade e bom porto, Paraíba nunca foi um rio manso, índios, secas e enchentes marcaram sua relação com os conquistadores portugueses. A conquista da Paraíba através do Rio foi marcada pela violência que acabou tingindo o rio de vermelho, como relata Regina Célia.

Todo esse processo de ocupação e penetração para o interior da Paraíba se deu através de vias fluviais. Tudo isso contribuiu para o processo de formação do território paraibano. O

Rio que constitui a porta de entrada e saída dos europeus, que foi testemunha de inúmeras batalhas travadas às suas margens, foi essencial para a formação da Paraíba que temos hoje.

José Apolinário do Nascimento (1985), ao falar sobre o Rio Paraíba, diz que, conquistada em 1585, a capitania real da Paraíba passou por um processo de ocupação como todo o Nordeste e o País. Uma das grandes dificuldades de ocupação estava na resistência e aliança de Tabajaras e Potiguaras, motivo de sucessivos anos de violentas lutas e do extermínio de indígenas.

A cana-de-açúcar, a criação do gado e o cultivo de outros cultivos de outros produtos indispensáveis ao homem, foram fatores que colaboraram com o processo de penetração para o interior. Com a criação de gado, no século XVII, inicia-se a ocupação do Sertão, que segundo o autor: “Deu-se por três pontos distintos e opostos, pelas nascentes do mesmo e ao longo do Rio Piancó, desde suas cabeceiras, no divisor de águas com o Pajéu, afluente do médio São Francisco.” **(NASCIMENTO, 1985, p. 3)**

Foi através do Rio Piancó que ocorreu a ocupação da parte ocidental da Capitania, ligando a região do São Francisco à bacia do Rio Piranhas. Os Rios Paraíba e Piancó, bem como seus afluentes constituíam uma importante via de acesso ao Nordeste, através da qual foi possível penetrar, colonizar e explorar o sertão paraibano.

O autor do livro “Marranos na ribeira da Paraíba do Norte”, Severino Barbosa da Silva Filho (2005), enfatiza a importância dos marranos para a Colonização da Paraíba desde 1500 até 1630. Os Marranos são descendentes de judeus que obrigados a renunciar a sua fé tornaram-se conhecidos como cristãos-novos. Os judeus chegaram ao Brasil e foram obrigados a tornarem-se católicos, foram perseguidos e mortos. “Em suas margens nasceram os primeiros núcleos colonizados, ergueram-se as primeiras fortalezas, estabeleceram-se os primeiros engenhos de açúcar.” **(SILVA FILHO, 2005, p.47).**

Diogo Nunes, um marrano que foi um dos primeiros a ser julgado pela Inquisição quando chegou ao Brasil, criou um dos engenhos que fica as margens do Rio Paraíba e Tibiri.

“Nas várzeas do Rio Paraíba, nos engenhos de açúcar, em suas margens do Litoral e daí até o Cariri e atual Sertão, nas margens do Rio Taperoá, seu maior tributário, que banha as antigas fazendas de gado, origem das cidades de Boqueirão, Cabaceiras e São João do Cariri, se estabeleceram e viveram vários núcleos de marranos desde o tempo da Colonização.” **(SILVA FILHO, 2005, p. 47).**

Foi nesse processo de colonização e de ocupação da várzea da Paraíba que os marranos “penetraram pelo sertão inóspito, abriram ruas e construíram cidades (...)” (SILVA FILHO, 2005, p. 49), sofreram perseguições e foram até mortos pela Inquisição.

A bacia do Rio do Peixe é uma das principais bacias que banha o Nordeste do Brasil. Segunda Rosilda Cartaxo (2001), que em seu livro trata da importância do Rio do Peixe para a cidade de São João do Rio do Peixe, começa enfatizando os lugares por onde ele percorre.

“O seu maior comprimento segundo o eixo longitudinal passando pela parte média da bacia desde Belém até 16 km antes de Pombal é de cerca de 100quilômetros; o comprimento medido na direção oeste isto é desde Umari no Ceará até 16 km antes de Pombal é de 80 quilômetros.” (CARTAXO, 1985, p.19)

Enfatiza em seu livro que a importância da bacia do Rio do Peixe é fundamental por ser grande e percorrer uma grande parte da Paraíba, ela é de fundamental importância para a formação de cidades do sertão, também é de fundamental importância para os estudos arqueológicos, pois foi à morada dos dinossauros por bilhões de anos.

Não é a toa que hoje nas proximidades do Rio, sempre é possível encontrar vestígios desses animais, a exemplo de restos de dinossauros da era mesozóica, os quais apareceram no triássico e que entrou em extinção no fim do cretáceo, e pertencente a dois grupos, um carnívoro de três dedos e um ortopodo como o Igonondon, geralmente encontrados entre São João e Sousa. O Rio do Peixe além de contribuir para a morada dos dinossauros, também foi de fundamental importância para a sobrevivência dos povos indígenas, pois, onde o Rio do Peixe deságua serviu para a povoação dos índios Icós-pequenos, no caso índios que viviam no atual município de São João do Rio do Peixe, que o nome da cidade foi dado pelo seu fundador João Dantas Rotheia, graças ao rio que banha a cidade e serviu de fonte de vida para os índios e futuramente para a criação de gado da fazenda São João.

CONCLUSÃO

Considerando o que foi apresentado sobre as redes hidrográficas, percebemos o valor que elas possuem tanto na história, quanto na geografia, por mostrar que elas serviram de ponto de partida da colonização expansão territorial do Brasil e também para que possamos conhecer melhor o nosso território, pois ao falar do Rio Amazonas, estamos conhecendo um pouco da história do nosso país, ao falar do São Francisco, conhecemos um pouco da historia da nossa região, ao falar do Rio Paraíba, estamos conhecendo o nosso Estado e ao falar do Rio

do Peixe, estamos nos aprofundando ainda mais, pois estamos conhecendo a nossa história de perto.

Ao abordar essas redes hidrográficas, passamos a conhecer melhor a importância que elas nos trouxeram, inclusive a colonização dos europeus na Amazônia, a importância do Rio São Francisco, que hoje é alvo de polemica por algumas pessoas que querem que ele seja o grande transportador de água para a Região Nordeste, a colonização dos portugueses aqui na Paraíba, através do Rio Paraíba e o Marranos que vieram se refugiar aqui, também através do rio, e o Rio do Peixe que serviu de morada para os dinossauros e para os índios, e que é de grande para os sertões paraibanos que ele banha.

Foi de grande importância para a nossa formação a abordagem desse artigo, pois nos trouxe mais informações e conhecimentos. Fez-nos entender que é preciso observar os pontos geográficos para poder se trabalhar uma história bem elaborada e não deixar a desejar. Compreendemos que as redes hidrográficas contribuíram para a extensão do nosso território e que por isso só foi possível através das vias de acesso que essas redes hidrografia proporcionavam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VITTE, Antonio Carlos. GUERRA, Antonio José Teixeira. Reflexões sobre a geografia física no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

VARNHAGEN, Francisco Adolpho. História geral do Brasil, antes da sua separação e independência de Portugal. 3ed Rio de Janeiro – Cayeiras – Rio: Melhoramentos, 1927.

ABREU, José de Capistrano. Ensaio e estudos. 3 ed. Rio de Janeiro: Gazeta de Noticias, 1882.

GONÇALVES, Regina Célia. Guerras e açucars políticas e economia na Capitania da Parahyba. Bauru: EDUSC, 2007.

SILVA FILHO, Severino Barbosa da. Marranos na ribeira do norte. Campina Grande: Agenda, 2005.